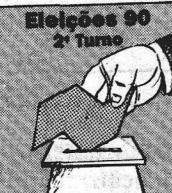


O Congresso será o palco das decisões

VICENTE DIANEZI*



Fernando Collor será obrigado a conviver com um novo cenário político nacional. Ele sai das eleições com o apoio de 13 governadores, mas todos eles com pequeno poder. O peso econômico desses 13 Estados soma apenas 14% do PIB (Produto Interno Bruto) — o correspondente a US\$ 49 bilhões dos US\$ 350 bilhões que é o valor de todos os bens e serviços produzidos, anualmente, no País.

Em contrapartida, a oposição a Collor que ficou com 11 Estados conta com um peso econômico multiplicado: seus 11 opositores já eleitos representam 84% do PIB ou US\$ 294 bilhões. Até a noite de ontem não estavam definidos os governadores do Maranhão e Pará. O segundo turnos das eleições no Estado de Alagoas, mergulhado em denúncias de fraudes, deverá ser realizados só em janeiro próximo. Mesmo que Collor consiga fazer esses governadores, pouco contará do ponto de vista econômico, pois eles somam apenas 2,54% do PIB nacional.

Congresso

Os maiores problemas do presidente da República estão localizados no eixo Rio-São Paulo. No Rio, o governador eleito, Leonel Brizola, é candidato à Presidência, em 1994. São Paulo elegeu o peemedebista Luiz Antonio Fleury Filho, lançado pelo governador Orestes Quérzia que também já anunciou a sua pretensão de entrar na disputa pelo Palácio do Planalto. "Ago-

ra, tudo vais desembocar no Congresso Nacional", prevê o cientista político Renée Dreyfus, professor da Universidade Federal Fluminense (UFF). No seu entender, o Legislativo será o principal palco das disputas das forças que se consolidaram nas urnas, em outubro e novembro deste ano — e se aglutinaram exatamente em torno de Collor, Quérzia e Brizola.

"Os dois pretendentes ao Planalto podem consolidar seus espaços e até ampliá-los", continua Renée Dreyfus, ao lembrar que tanto Quérzia quanto Brizola subiram, durante a campanha, nos palanques de diversos candidatos em todo o País. Para ele, no entanto, Quérzia leva uma vantagem: não terá a responsabilidade do cargo de governador, o que lhe dará maior soltura para costurar acordos políticos. Mesmo ainda sentado na cadeira do Palácio dos Bandeirantes, Quérzia, por exemplo, não deixou de dar apoio pessoal ao peemedebista Ronaldo Cunha Lima, governador eleito do Estado da Paraíba, levando com ele o líder do PMDB na Câmara, o gaúcho Ibsen Pinheiro, e o senador mineiro Rondon Tito.

Espaço

"Collor agora terá que aprender a negociar", afirma o analista José Eduardo Faria, da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo. Faria inclui, no novo cenário, além da consolidação de Quérzia e Brizola, a frente fisiológica presente no Congresso e nos governos, como os ministros do ex-presidente José Sarney, também eleito senador pelo novo Estado do Amapá. "Esse bloco não vai dar apoio gratuito ao presidente", ele afirma. No entender do analista, a briga pelo espaço entre Quérzia e Brizo-

la não será tranquila: o atual governador de São Paulo atacará a hegemonia brizolista no Rio Grande do Sul, tentando eleger o deputado Ibsen Pinheiro para a presidência da Câmara, enquanto Fleury Filho, em São Paulo, privilegiará o setor educacional, lançando uma alternativa ao discurso dos Cieps feitos por Brizola.

O Planalto, contudo, tem alguns trunfos nas mãos: a dívida dos Estados para com a União (veja matéria ao lado) e a maio-



Arquivo/AE

O presidente Fernando Collor:
urnas lhe deram a maioria dos governadores,
mas pouco poder econômico.

ria alcançada na Câmara com as eleições de 3 de outubro. Os partidos de sustentação a Collor — PFL, PRN, PTB, PDS e outros menores — engrossaram suas bancadas com mais de 50 deputados chegando perto da maioria de 252 deputados. Segundo o cientista Renée Dreyfus, contudo, tal maioria continuará mordida e Collor terá que tocar seus projetos de governo na negociação política.